



PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA ESCOLA SEM MUROS



LÍNGUA PORTUGUESA

ENSINO MÉDIO

Componente curricular: Língua Portuguesa

Ano: 2º ano – Ensino Médio

Objeto de conhecimento: Leitura e interpretação de texto de “narrar”: **crônica**

Habilidade: Reconhecer a crônica como um gênero de narrar situado entre o literário e o jornalístico;

Perceber que na narrativa da crônica há um ponto de vista sobre a condição humana em seu cotidiano;



Para dar início a nossa aula... vamos pensar um pouco...

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Quem era seu autor?
- Você conhece algum cronista brasileiro? Qual?
- Em que lugar as crônicas são veiculadas?
- Você afirmaria que crônica e contos são do mesmo gênero literário? Por quê?

A CRÔNICA

A **crônica** é um gênero textual típico dos séculos XIX, XX e XXI, normalmente sendo encontrada em jornais ou revistas. Em muitos casos, célebres cronistas como Lima Barreto ou Luís Fernando Veríssimo – reúnem suas crônicas em livros.

Características

O fator principal que define a crônica é sua temática: crônicas abordam assuntos vinculados ao **cotidiano** das cidades.

Um bom cronista é aquele que narra situações banais sob uma ótica particular e criativa.

A linguagem da crônica costuma ser coloquial e simples. A leveza na linguagem é típica do gênero.

Normalmente, as crônicas são publicadas em jornais, revistas e blogs.

Tipos de crônica

A produção de crônicas está diretamente ligada à difusão da imprensa na sociedade. Foi por meio dos jornais que, a priori, as crônicas começaram a circular na vida dos cidadãos. Entretanto, se esse espaço de publicação ainda é o mais utilizado pelos cronistas, os tipos de crônicas que existem são diversos. De algum modo, é possível dizer que existem dois tipos de crônica: as narrativas e as jornalísticas.

Crônicas narrativas são aquelas que não apresentam estruturas textuais argumentativas ou reflexivas predominantes. Nesse caso, a crônica pode ser definida como um gênero literário marcado pela narração de situações cotidianas sob uma ótica individual.

Crônicas jornalísticas: Diferentemente da anterior, as crônicas jornalísticas misturam as tipologias textuais narrativa e argumentativa. Isso porque, a partir da narração de fatos cotidianos, os cronistas de jornal promovem reflexões e desenvolvem teses e argumentos.

Vamos ler uma crônica, mas antes, vamos refletir um pouco sobre um assunto muito comum no nosso dia a dia, o nosso aniversário.

Em nossa sociedade, há pessoas que comemoram seus aniversários de forma pomposa, saem nos jornais, providenciam roupas caras, festas majestosas. Outras, entretanto, nem lembram da data que nasceram.

- E você, comemora o seu aniversário? De que forma?
- Seus pais sempre se lembram de seu aniversário? Já aconteceu deles se esquecerem?
- Se você fizer uma festa, quem não poderia faltar?
- O que você escolheria em seu aniversário? Uma festa ou um presente? Por quê?
- O que você mais gosta em uma festa de aniversário?
- Vocês já comemoraram um aniversário de forma estranha? Diferente do tradicional bolo com velinhas?

Vamos, então, à leitura de uma crônica... Se você quiser, você também pode ouvir a crônica pelo link:
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/a-ultima-cronica/index.html

A ÚLTIMA CRÔNICA

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...”. Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Agora, vamos à compreensão e interpretação do texto:

- Quem é o autor desta crônica? Você já ouviu falar sobre ele? (Pesquise sobre ele e sobre sua obra literária)
- Qual o objetivo desta crônica?
- Esta crônica chama a atenção do leitor?
- A crônica é interessante? Por quê? 10
- Existe alguma relação entre a situação vivida pela família da crônica e a de nossos dias?
- Você seria capaz de buscar, num fato do seu dia-a-dia, momentos de fraternidade e sensibilidade e nele descobrir suas belezas?
- O título do texto sugere algumas interpretações. Você teria sugestões possíveis de um novo título.
- Neste texto há ideia de discriminação? (É do autor? Do contexto? Discriminação de raça? De situação financeira?) Podemos dizer, realmente, que há discriminação?
- O acontecimento da crônica ocorreu num cenário e envolveu pessoas? Em que cenário? Como você descreveria o botequim?
- Quais são as personagens envolvidas no episódio narrado? Comente sobre elas.
- O narrador-observador não está presente na festa de aniversário, mas é a personagem central dela, por quê? • Que hipóteses poderíamos formular para o fato de a mãe ter guardado as velinhas?
- “Não sou poeta e estou sem assunto”. Neste trecho da crônica, o autor afirma que não é poeta. Você concorda com essa afirmação?
- Há nas duas últimas orações do 2º parágrafo uma crítica a instituição família? Você concorda? Explique.
- “Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual”. A que ritual o autor se refere?
- O autor diz que o pai demonstra estar satisfeito com a celebração. E você, o que acha?
- Em sua opinião o constrangimento do pai, ao perceber que estava sendo notado, é normal?
- Apesar da dificuldade financeira, podemos destacar sentimentos nobres na relação daquela família. Cite alguns.

- É possível reconhecer na crônica em que época esse fato aconteceu?
 - Esta crônica é mais literária ou jornalística? Por quê?
 - Qual o tempo verbal revelado na crônica? Por quê?
 - Os termos accidental e essencial conferem que sentido no texto?
 - A linguagem usada na crônica possui um lirismo contido na simplicidade ou é rebuscada?
 - No segundo parágrafo, ao descrever a menina, o autor utiliza de adjetivos no diminutivo. Que motivo o leva a fazer essa escolha lexical?
 - Defina crônica, com suas palavras, a partir da leitura do primeiro parágrafo do texto de Fernando Sabino.
 - Existe uma ordem na exposição dos fatos? O que é mostrado primeiro?
 - Como o discurso é manifestado? Em primeira ou terceira pessoa?
 - Os acontecimentos estão organizados em quantos parágrafos?
 - O texto lido apresenta a estrutura a seguir. Relacione essa estrutura de acordo com os parágrafos do texto.
 - a) situação inicial:
 - b) início do conflito:
 - c) clímax do conflito:
 - d) resolução do conflito:
 - e) volta à situação inicial:
-

Até a próxima aula...